

A PARTILHA DOS AFETOS NA POESIA PORTUGUESA RECENTE

Paulo Alberto da Silva Sales¹

RESUMO: Reflexão sobre como a partilha dos afetos, em certos poetas portugueses recentes, tais como Manuel de Freitas, Pedro Eiras, Pedro Mexia e Golgona Anghel, é comum nas cenas de escrita dos poemas por meio da figuração de um poeta caminhante urbano. Esses poetas cruzam pelos diversos cenários da cidade contemporânea desfigurada como espaço ruinoso. Ao descrever as situações degradantes impostas aos indivíduos pela economia neoliberal, percebe-se uma partilha de afetos que aproximam os poetas e os seus semelhantes, tornando-os conscientes dos problemas do tempo presente, marcado por desencantos, fracassos e perdas.

Palavras-chave: Poesia Portuguesa Contemporânea; Partilha; Afeto.

THE SHARING OF AFFECTIONS IN RECENT PORTUGUESE POETRY

ABSTRACT: Reflection on how sharing affections, in certain recent Portuguese poets, such as Manuel de Freitas, Pedro Eiras, Pedro Mexia and Golgona Anghel, It is common in the poems' writing scenes through the figuration of an urban walking poet. These poets cross the different scenes of the city (Lisbon) disfigured as a ruinous space. By describing the degrading situations imposed on individuals by the neoliberal economy, a sharing of affections is perceived, bringing poets and their peers closer together, making them aware of the problems of the present time, marked by disenchantment, failures and losses.

Keywords: Contemporary Portuguese Poetry; Sharing; Affection.

Pude amar esta cidade pela mais rude e simples
das razões: a Rua Direita. Nunca vira tantas ta-
bernas seguidas, sendo por vezes difícil perceber
onde terminava o público e começava o privado.
Insinuações de bordel? Também, embora eu dis-
so eu já não tenha provas concretas. Era, em todo o
caso, a rua que mais gostava de descer, colan-
do-me à escuridão de portas e janelas. Semi-abertas ou
semi-fechadas, pouco importa.
Uma cidade que extermina uma rua inteira
não merece, de todo, o nome de cidade, por mais
que se roce, puta envergonhada, nos seus braços
carcomidos. Posso agora detestar-te sem remorsos, antro
vil de capas bolorentas e de fados rançosos que apenas
cativam a inépcia de doutores que preparam, a preços
módicos, novas formas de barbárie
(FREITAS, 2019, p. 19).

¹Professor de Linguagens do Instituto Federal Goiano, Campus Hidrolândia, Goiás, Brasil, e do PPG em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9980-2561> E-mail: paulo.alberto@ifgoiano.edu.br.

No poema “Coimbra”, Manuel de Freitas expressa o desencanto vivenciado pelo sujeito poético ao cruzar pelos diversos espaços da cidade contemporânea, degradada e profundamente marcada por diversos infernos cotidianos. O mal-estar expresso no descontentamento do sujeito caminhante, que vivencia a deterioração da paisagem, revela a distopia do presente em diversos espaços da polis: “Há, de facto, cidades tão mortas que nem um poema merecem” (FREITAS, 2019, p. 27).

Esse olhar desencantado sobre a cidade e, também, sobre o que restou da individualidade do sujeito – hoje massificado e movido pelas exigências do capitalismo tardio – tem se consolidado como uma das linhas de força mais evidentes da recente lírica portuguesa. Em Manuel de Freitas, bem como em outros poetas de sua geração, e outros mais jovens, principalmente se pensarmos na poesia de Pedro Eiras, Pedro Mexia e Golgona Anghel – no que se refere à partilha de uma visão inóspita da cidade contemporânea, sobretudo dos espaços de Coimbra, Lisboa e de outras cidades lusitanas fortemente utilizadas para fins comerciais – podemos aproximar essas poéticas que, a nosso ver, apresentam uma dicção crítica a respeito das incoerências e precariedade da vida urbana hiper acelerada do tempo presente.

A produção desses poetas, cuja maioria das obras são datadas após os anos 2000, possibilita uma reflexão ética a respeito de questões econômicas, mais precisamente relacionadas ao Neoliberalismo e as suas consequências nefastas na sociedade. São poetas críticos às imposições que a economia neoliberal exige dos sujeitos, que passam a ser monitorados, por meio da lógica digital dos algoritmos, e vivem sob a órbita capitalista do desempenho.

Ao nos depararmos com seus livros, encontramos determinadas cenas de escrita de poesia com uma acentuada veia crítica a uma realidade cidadina marcada por interesses econômicos da ordem neoliberal, que modificam os espaços urbanos por causa de empreendimentos, destruindo relações de memória e de afeto com certos lugares. Essa percepção inquietante da cidade progressivamente transformada e tornada indiferente aos seus habitantes, interrompendo as relações de afeto e de reconhecimento entre sujeitos e espaços vividos, é fruto também das demandas psíquicas da produção neoliberal causadoras de uma nova forma de sofrimento, que se entranhou em nossas vidas.

A esse respeito, Vladimir Safatle, em *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2022), examina um conjunto de práticas de gerenciamento de mal-estar estritamente ligadas ao excesso de positividade imposto pela perspectiva empreendedora neoliberalista. Para Safatle, o neoliberalismo molda nossos desejos, bem como “recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios” (p. 11); a

nosso ver, podemos relacionar essa questão neoliberal pungente da era contemporânea à leitura de uma parte da recente poesia portuguesa, sobretudo da poética de Golgona Anghel, Manuel de Freiras, Pedro Eiras e Pedro Mexia. Os versos desses poetas nos possibilitam pensar criticamente a respeito da condição consumista dos sujeitos massificados, algo tão comum à vida cotidiana. Por meio dessas poéticas, somos levados a refletir sobre as consequências nefastas da economia neoliberal, que têm se tornado um mal cotidiano para além do modelo econômico propriamente dito, já que movimentam uma engenharia social que destrói a cidade, tornando-a, também, uma “mercadoria de consumo”.

Em vários poemas de Anghel, Eiras, Freitas e Mexia há a projeção da figura do poeta a caminhar pelos diversos espaços urbanos descaracterizados. Nesses lugares angustiantes, por meio de uma dicção crítica, a voz lírica se posiciona contrariamente, tanto por meio da ironia quanto do sentimento de desilusão e inconformismo, aos efeitos perversos dos fundamentos neoliberais, cujos ideais estão relacionados à “extensão e à [sic] disseminação dos valores de mercado à política social e a todas as instituições” (BROWN, 2007, p. 50). Todos, poetas e sujeitos cidadãos, estão interligados e regidos sob essa nova ordem vigente e “invisível”. A esse respeito, Pedro Eiras (2022), no seu livro *Inferno*, escreve:

De que é feita a nova ordem vigente?
Um incêndio arrefecido, um jogo paliativo,
Naturalismos insinuados.

Submetes textos à vigília
dos holofotes, no campo de batalha:
daqui ninguém sai enquanto

não soubermos tudo: datas, sítios,
os nomes conjurados, a vida secreta
da insônia.

Mas é inútil. Mesmo a luz apontada
faz parte da traição. As técnicas de interrogatório
inventam culpados.

O soro da verdade (repara:
até o nome é suspeito) só te dá
o que já esperavas encontrar:

mentira e revelação, o lance
da culpa. Nada que não pudesse prever.
Eis, invisível, a ordem vigente
(EIRAS, 2022, p. 50).

Nota-se que o sujeito poético está ciente da existência de uma ordem invisível, de um paradigma “neuronal” – para nos valermos da ideia de Byung-Chul Han² (2017) – que comanda a vida de todos. Os compromissos diários expressos em “datas, sítios, / os nomes conjurados, a vida secreta/ da insónia” revelam os dilemas dos sujeitos movidos pela autoprodução da era dos *big data*. Assim como seus semelhantes, o poeta também se reconhece como um sujeito deslocado no espaço urbano, sem identidade, e que manifesta o seu descontentamento frente às exigências impostas pelo consumismo desenfreado e pela aceleração da vida urbana. Além disso, nota-se em Eiras, bem como em Freitas, Anghel e em Mexia, uma leitura a contrapelo dos usos do espaço urbano para fins puramente rentáveis.

A esse respeito, vale lembrar a imagem do turista que aparece nos poemas de Pedro Mexia, que ocupa o lugar que já pertenceu, anteriormente, ao *dândi* e ao *flâneur*. Em seus poemas, bem como nos de Golgona Anghel, constata-se uma dicção melancólica e consciente da decadência do que se tornou o espaço da cidade contemporânea, que desconsidera as individualidades e os problemas gerados pela globalização. Vários poemas da obra *Nadar na piscina dos pequenos* (2017), de Golgona Anghel, refletem sobre essas disparidades:

Somos aqueles que limpam os ouvidos
 com a chave do Mercedes
 e fazem estalar os dedos,
 às escuras, nas salas do cinema;
 filhos das vindimas e da apanha de azeitona,
 homens, quando a noite usa decote.
 Somos, hoje, a melhor geração
 de cansados profissionais, os mais vendidos autores do acaso.
 Treinamos predadores de moscas,
 limpamos passados, fígados gordos, rins cheios de diamantes.
 Temos as mãos trémulas, é certo,
 mas arrumamos,
 seguros,
 o dominó, no pátio do Alzheimer,
 pois é a nós que procura a seta.
 De maneira que não adianta muito termos pressa:
 um dia, alguém chamará por nós
 e nos marcará no peito
 o número da sorte
 com o ferro quente
 com que se conta,
 na Primavera,
 o gado

² Em sua perspectiva filosófica, vivemos “a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os big data são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo” (HAN, 2017, p. 23).

(ANGHEL, 2017, p. 21).

Por meio de imagens bastante comuns acerca dos problemas presentes nas grandes cidades, bem como dos sofrimentos psíquicos que acarretam às vidas dos indivíduos que transitam esses mesmos espaços, o sujeito poético partilha com seus semelhantes os mesmos sofrimentos: somos todos “filhos de vindimas e da apanha de azeitona” e não adianta termos pressa. O riso amargo no reconhecimento de que a poeta pertence “a melhor geração de cansados profissionais” ironiza e ridiculariza a superficialidade da vida apressada dos sujeitos anônimos que transitam pelas paisagens lisboetas. Juntos, todos estão a sofrer com as mãos trémulas pelo Alzheimer e por outras enfermidades do mundo pós-moderno.

Imersa nesse mundo, a poeta sente-se impotente, e seus livros mesmo de poesia se tornam mercadorias do acaso. Os sentimentos de não pertencimento revelam um modo de a poeta, ou melhor, de o sujeito “estar na escrita” por meio de uma abertura ao outro, partilhando os mesmos problemas existenciais e sociais do tempo presente.

Nessa partilha de afetos, portanto, são tratados com viés crítico a exploração do trabalho, a passagem do sujeito – com suas subjetividades – para modelos de protótipos sem identidade, além do uso comercial dos lugares, com fins turísticos e rentáveis. A artificialidade e a obrigatoriedade que se faz em cima de determinados comportamentos impostos pelo Neoliberalismo aparece, sobretudo em Manuel de Freitas, por meio da “poesia de circunstância³”, ou seja, poemas que apresentam uma reflexão atenta às vivências diárias do tempo presente. O poema é o lugar das coisas, das vivências banais. Sobre essa questão, Martelo (2010) afirma serem esses poetas mais alegóricos que metafóricos.

Ao trazer os problemas do sujeito para o poema, nota-se que a vida não é sublime, muito menos idealizada o tempo todo⁴. E cada dia é uma circunstância que leva à criação de um poema. Essas circunstâncias do dia a dia na cidade também são recorrentes na poética de Pedro Mexia. No poema “Metropolitanos”, essas vivências circunstanciais aparecem como um dos lugares-comuns que são alvo de sua crítica:

³ O poema é feito porque há uma demanda, ou alguém encomenda ou mesmo porque o poeta quer oferecer o poema como um brinde. Camões e outros poetas clássicos pediam que o poema fosse feito e recebiam por isso. Garrett, nos álbuns, escrevia poemas que foram feitos para o aniversário, e outras ocasiões especiais. No século XX e XXI, o poema é feito a partir das circunstâncias e da atenção do que permeia a volta do poeta (Cf. *Poesia e circunstância em Carlito Azevedo e Manuel de Freitas* (2021), de Tamy de Macedo Pimenta).

⁴ Referimo-nos a uma tradição da poesia portuguesa contemporânea iniciada com a poética de Joaquim Manuel Magalhães, que destoa da dicção de outras perspectivas poéticas, tais como a de Gastão Cruz, por exemplo, que era crítico a esse tipo de poesia, chegando a caracterizá-la como de “baixa tensão poética”. Não se trata de qualificar ou desqualificar uma ou outra. Isso se refere às escolhas de cada linha de trabalho; no caso específico do grupo *Cartucho*, havia a recusa da metáfora em prol de uma poesia narrativizada. A esse respeito, ver “*Cartucho* e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX”, de Rosa Maria Martelo (2010).

Aqui estamos, atravessando
sem saber o nosso destino,
à espera que o próprio caminho
o torne evidente (mas não),
somos todos assim metropolitanos (urbanos),
saímos na estação errada,
lemos cabeçalhos, vemos o envelhecimento
nos rostos que conosco através
de túneis dantescos (cliché),
e pensamos (ou dizemos agora que pensamos)
que há um plano que nos ultrapassa (rodoviário),
um plano (subterrâneo)
de linhas que se cruzam com as linhas
da mão, interceptadas em cores
e com o guarda-roupa do nosso
tempo (capitalismo tardio),
atravessamos (atrasados), sob o sol
que imaginamos em cima (platónico),
interrompidos pelo parêntesis irónico
da consciência que talvez queria fazer
a diferença mas não faz nada (nada)
(MEXIA, 2016, p. 65).

Os versos do poema revelam que a vivência cotidiana nas cidades é representada por lugares decadentes, arruinados – casas, passarelas, estação de metrô, trens abandonados – bem como por não-lugares. Esses espaços reforçam a visão desencantada dos poetas, que se manifesta irreversível por meio de uma consciência crítica da realidade. De certa maneira, podemos afirmar que os poetas aqui elencados são herdeiros da dicção lírica iniciada nos anos 1970 por Joaquim Manoel Magalhães, cuja poética tratou, a todo o tempo, acerca da “massificação dos desejos”, bem como as “vivência do corpo”.

De forma análoga a JMM – salvas as especificidades de cada poeta recente – Manuel de Freitas, Pedro Eiras, Pedro Mexia e Golgona Anghel trazem a ideia de um certo “realismo” para a poesia. Essa ideia realista-pessimista é reverberada pela perspectiva do perambular. Nesses poetas recentes, percebemos uma poesia em movimento, na qual os poetas estão a andar por avenidas, a atravessar ruas, a transitar pelos cafés e, nesses entrecruzamentos, passam a partilhar problemas que são comuns a todos. Nesses espaços públicos, as circunstâncias tristes – relacionadas à desigualdade social – movem os poetas caminantes a escreverem seus poemas, muitos deles, num tom angustiante e rememorativo do passado:

Rua Almeida Garrett

à memória de António Falcão

O maior andarilho e boémio
da minha aldeia (desculpem,
mas não consigo chamar-lhe vila)
anda agora dez a vinte metros
por dia, apoiado numas rodas de metal.

Se ainda houvesse tabernas,
neste tranquilo deserto,
eles teriam certamente saudades nossas
(FREITAS, 2019, p. 12).

Deve-se reconhecer que, sob um prisma social, tais poéticas criam circuitos de afetos, uma vez que somos afetados uns pelos outros, bem como pelos mesmos problemas monetários. Esse sentimento de unidade, de comunidade, de sermos atingidos uns pelos outros – a partir de problemas comuns a todos – leva-nos, segundo Jacques Rancière (2009), à integração de um sistema de evidências sensíveis comum aos sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade; diante da partilha de nossas aflições na contemporaneidade, Rosa Maria Martelo (2022) destaca o papel da poesia em interromper o tempo, já que ela pertence à ordem do intervalo.

Assim, a experiência em escrever e em ler poesia possibilita formas de desaceleração, de lentidão, de intimidade e de singularidade diante da vida apressada que foi institucionalizada como “normal” pelos ideais neoliberais. Em tempos de hiper aceleração, hipermodernidade, hiper-realidade e uma extrema auto exploração, a velocidade se tornou o nosso destino comum, uma vez que:

[...] ver à nossa volta tantos sinais de uma aceleração inexorável no sentido da destruição já não reversível do mundo em que vivemos – apenas minorável – não pode deixar de ser paralisante. Mesmo se um dos traços distintivos do nosso tempo é a aceleração. Mas dir-se-ia que estamos paralisados pela aceleração, precisamente, pela cegueira que ela mesma produz; com ressalva de que os seres humanos não formam de modo algum uma categoria homogênea e não estamos todos paralisados da mesma forma nem pelas mesmas razões (MARTELO, 2022, p. 196-197).

Já não somos mais cobrados por meios impositivos que nos privavam a liberdade, tal como Michel Foucault (2014) mapeou em sua arqueologia do século XX, sob um paradigma disciplinar que oprimia e castigava os sujeitos. O paradigma da biopolítica apresentada por Foucault – na qual o Estado tinha a tutela sobre a vida e a morte dos indivíduos e que, mais tarde, seria por Achille Mbembe (2018) reformulada, sob o rótulo da necropolítica – no século XXI passaria a massificar os sujeitos, aniquilando suas subjetividades. Esse espaço da

hipermodernidade faz-nos transitar permanentemente entre os lugares e os “não-lugares” (AUGUÉ, 2012), o que nos leva a assumir identidades provisórias. Dito de outro modo, o espaço do não-lugar não cria identidade singular, mas, sim, apenas *solidão* e *semelhança*.

Tais vocábulos reverberam as novas imposições da ordem do capitalismo vigente, que institui não mais a negatividade – que era o paradigma disciplinar imposto por meio da opressão, nas formas de trabalho contra a liberdade do sujeito do século XX – mas, sim, a positividade⁵ como o paradigma do século XXI, que Byung-Chul Han, a certa altura, denominou como “sociedade do cansaço” (2017).

Ora bem: em alguns exemplos das poéticas recentes, nota-se a narrativização de atos corriqueiros, que apresentam um léxico trivial muito mais próximo da linguagem cotidiana. Não há um trabalho metafórico e hermenêutico complexo, todavia, há uma vontade de comunicabilidade, de estar em conjunto, de ocupar espaços e de partilhar o “sensível” (RANCIÈRE, 2009). Para isso, tais poetas buscam uma aproximação com o leitor, com essas formas de aproximação ocorrendo por intermédio da partilha de circunstâncias culturais, sociais e vivenciais.

Nesse sentido, por se tratar de poéticas menos metafóricas, o poeta se põe a circular pelos diversos lugares da cidade, como no supermercado, por exemplo. Ele está ali, nesse lugar trivial, fazendo compras como qualquer indivíduo. Os poemas oriundos dessa dinâmica, logo, buscam uma aproximação com o cotidiano, e um possível estranhamento aparece no momento em que se juntam coisas inesperadas, quebrando a expectativa (abrindo espaço para uma figura “fora” do mundo capitalista – colocando-se no lugar da troca, da venda dos produtos), revelando a precariedade de uma “vida movida à crédito” (MAIA, 2022):

Precários já somos todos,
este corpo vaza luz por todo o lado,
era acusado pôr ainda
o tempo de vida a preço de saldo,

não valia a pena complicar
o que já era complicado,
tirar terra, casa, destino
em troca impor as leis

a quem nasceu com tão pouco tempo
e só dez dedos, voz amestrável,

⁵ A nosso ver, diferente do que reflete o pensador sul-coreano, o extremo cansaço contemporâneo é o resultado de uma combinação do que ele entende pela virologia que afeta a imunidade – recentemente vivenciado pela pandemia da Sars-Cov-19 – juntamente à extrema violência neuronal, que é instituída pelo excesso de positividade nas diversas formas de trabalho auto explorado.

vinte e quatro horas por dia
num aceso microfone.

«Onde se vê daqui a dez anos?»,
perguntam, e tu respondes
segundo a cartilha, não és parvo,
mesmo se nem sabes onde estarás

daqui a dez minutos, talvez na borda
dum copo alto, à espera que rebente
a espuma, como em ti rebentaram
as letras do teu nome.

«E o que pensa que pode trazer à nossa
empresa?» Este mundo e o outro
– prometes –, o *edelweiss* numa salada,
e Cérbero pela trela.

Aos que nascem sem apólice
na carteira da família, só resta
assaltar os bancos & saltar
as seis ou sete gerações que faltam

para um pouco de sossego:
a vida à mão armada,
erros muitos, fortuna escassa,
amor adiado, algum silêncio
(EIRAS, 2022, p. 26-27).

Anghel, Eiras, Freitas e Mexia partilham, nas cenas de escrita de grande parte de seus poemas, um circuito afetivo de reconhecimento mútuo, todos marcados por um sentimento de perda e de vazio cotidianos. Os poetas e os habitantes da cidade partilham, então, uma mesma sintaxe discursiva, oralizada e repleta de referências a objetos e a lugares comuns da ordem neoliberal. Nos poemas, há cenas atravessadas por uma fraternidade em que se constrói um lugar comum de partilha de problemas entre os sujeitos deslocados. Esses momentos de partilha entre a poeta e os sujeitos citadinos são circunscritos em micro paisagens – que os possibilitam estar em conjunto –, identificando uns com os problemas dos outros. Eiras, uma vez mais, no canto XXIV de seu *Inferno*, sintetiza essa partilha afetiva distópica entre os diversos transeuntes e o sujeito poético:

E já me cansam os passos perdidos
neste *trobar clus* esgotante
pelas ruas, pelos declives, uma cara à chuva,
estas bocas desencontradas

das palavras, vagas frases, «tu não
estás bem aqui, pois não?»

este desgaste do sangue no
horário de abertura das lojas,

e os fins de semana iguais
a quaisquer outros, as mãos
feitas de pó, desfiando um
«nos dai hoje» submisso,

e esta areia na língua:
«então às três, sem falta, no café do
costume», máscara fúnebre
a envelhecer na cara, grumosa

do mau suor nocturno, arremedos
de um remorso imaturo, a palavra
que ficou por dizer, a voluntária
frieza de outros dias,

andamos todos a fazer
a crónica da peste: «sempre deitaram abaixo
aquele prédio, agora a luz é menos dourada»,
e cuspiamos saliva, dentes e ossos,

lemos os jornais de amanhã,
deitamo-nos na cama de ontem, entre
as unhas cortadas e o paracetamol,
e os números verdes do tempo,

nem é grave vestires a roupa sempre pela
mesma ordem, cuecas, camisa, meias,
depois as calças, os cinto,
os sapatos, não é grave as tuas mãos

saberem de cor os riscos da persiana,
o rebate dos cães no pátio, a trepidação
subliminar do metro, muito pior é
não perceberes que estás vivo

neste resquício de manhã,
leres os títulos nos jornais
com a moeda sob a língua
e a cidade a conspirar

contra ti: a devastação do litoral,
a chuva prevista para o solstício,
e a derrocada dos pássaros
no céu, este grito na borda

dos olhos, a mais valia comum
das ideia, tacões no soalho
toda a noite, e não haver a quem pedir
misericórdia, tu pensas, eu penso, nós

confessamos, «estamos a arder,
estamos todos a arder em fogo lento»,

brandas as chamas, a fazer render desculpas,
histórias, e nem sequer há ninguém

a quem pedir misericórdia
(EIRAS, 2022, pp. 82-84).

Todos estão cansados e perdidos nos diversos não-espacos da polis. Contudo, os sujeitos do “inferno” urbano estão conectados por redes de dados móveis, através dos mais variados aplicativos de “telemóveis” – pela *web*, em transmissões via *skipe*, ou guiados nas avenidas e ruas por *GPS*.

Esses diversos dispositivos *high tech* trazem, na verdade, uma falsa sensação de liberdade aos indivíduos, extrapolando a velocidade e a superficialidade das relações humanas. Conduzidos por diferentes aparelhos que “facilitam” as demandas do dia a dia, nossas almas – um dia fomos homens/mulheres – acabaram contagiadas por essa demanda interna sem limites, cujo resultado é a exaustão do espírito e a falência existencial. No primeiro canto do inferno contemporâneo mapeado por Eiras, inicia-se uma caminhada que descreve os estados dessas almas desoladas:

Malgrado os mapas, as cartas astrais,
as sondas imponderáveis
vertidas nas veias,

e o satélite oracular
que aconselha
os nossos passos,

cursor na grelha das ruas,
seta da nossa
sombra

malgrado o sinal,
já descontados os efeitos
da relatividade

num síncrono *gps*,
instantâneo tradutor
de mundos pentecostes,

malgrado já nunca ser noite,
se os candeeiros cegam
numa prótese de sol,

malgrado a voz que nos indica o destino,
e na planilha desenha
o mais perfeito caminho,

legendas, lembranças, semelhanças,
desperdício da luz repartida
na longitude dos dias,

chega sempre um instante, nas nossas vidas,
em que todos
nos perdemos
(EIRAS, 2022, p. 5-6).

Nessa cena, de um inferno psicossocial contemporâneo, nota-se a repetição da preposição “malgrado” em quatro estrofes, que reforçam a ampla rede invisível da psicopolítica que, também, faz associações à massificação identitária. As diversas ferramentas – mapas, satélites, cartas astrais, cursores, setas, *GPS*, planilhas, legendas – automatizam e levam à exaustão os sujeitos que não têm espaços de escolha. Além disso, as imagens da sonda vertida em veia (bem como os candeeiros que cegam numa prótese de sol) podem ser relacionadas a um cansaço alienante⁶ típico do paradigma neuronal pensado por Byung-Chul Han, ou seja, meios de auto exploração silenciosa, cujo fim é a depressão.

Além disso, é nítido o descontentamento atual frente às exigências impostas pelo consumo desenfreado e pelo frenesi da vida apressada, partilhada tanto pela poeta quanto pelos indivíduos nas diversas paisagens artificiais urbanas. Sufocados e sem espaço para expressarem suas individualidades, a poeta e os sujeitos comuns – muitos dos quais se encontram em situações degradáveis – vivem submersos a um “sistema autocrático de identificação e de resolução de erros”, tal como é referido no poema a seguir:

Vivemos submersos num plasma nutritivo
que nos garante um crescimento rápido e de exceção
com talentos singulares,
e sonhos que não precisam de ser actualizados –
basta apenas afinar sua desordem estética.

Temos acesso a uma vida desprovida de acasos,
onde colónias de bactérias sangram invejosas,
esmagadas a milhas pela radiação do nosso olhar.

Dotados de um sistema automático
de identificação e resolução de erros,
dirigimos à distância um código sentimental simplificado.
Acumulamos dados, analisamos sinais.
Não conseguimos conceber um desastre maior
que a falta de bateria no comando
(ANGHEL, 2017, p. 47).

⁶ A última estrofe do canto I revela o sentimento de não pertencimento e de incerteza até mesmo no inferno/não-lugar. Por fim, a lógica do capitalismo tardio, que exige alto desempenho, passa a nos controlar sob diversas órbitas e normas vigentes.

Observe-se as menções ao “plasma nutritivo”. Essa imagem se desdobra em uma alegoria do mundo digital, remetendo às tecnologias da informação e da comunicação, que estão a virtualizar as realidades dos indivíduos, massificando-os todos em conjuntos de dados, algoritmos que se interconectam...

Submersos a esse plasma, não há espaço para uma atualização dos sonhos e, tampouco, uma abertura para as subjetividades dos indivíduos, já que todos dirigem “à distância um código sentimental simplificado”. Os substantivos “bateria”, “códigos”, “colônias de bactérias”, “dados”, “desastres”, “milhas”, “radiação”, “sinais” evocam mesmo uma paisagem distópica, na qual não há qualquer perspectiva futura de vida que valorize as particularidades do sujeito. Tais imagens emblemáticas, como a “flor de plástico” em cima da montra de um talho, assim como a “piscina dos pequenos” (que intitulam os livros), são representativas desse mal-estar do sujeito no mundo contemporâneo.

Concluindo: através dessas imagens decadentes, nota-se que o discurso poético de Golgona Anghel, bem como de Manuel de Freitas, Pedro Eiras e Pedro Mexia se valem de referências comuns, prosaicas, facilmente identificáveis, o que sem dúvida desvia essa vertente poética da ideia de alto lirismo, levando os poetas ao encontro dos outros – pessoas comuns nas ruas da cidade. Não à toa, na grande maioria dos poemas, o sujeito poético se manifesta sempre na primeira pessoa do plural, no tempo presente do modo indicativo, em lugares públicos e de encontro.

Referências

ANGHEL, Golgona. *Como uma flor de plástico na montra de um talho*. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

_____. *Nadar na piscina dos pequenos*. Porto: Assírio & Alvim, 2017.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 2012.

BROWN, W. *Les habits neufs de la politique mondiale: néolibéralisme et néo-conservatisme*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2007.

EIRAS, Pedro. *Inferno*. São Paulo: Assírio & Alvim, 2022.

FREITAS, Manuel. *Ubi Sunt*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*. Trad. Maurício Liesen. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2018.

_____. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

MAIA, Tomás. *Vida a crédito: arte contemporânea e capitalismo financeiro*. Lisboa: Documenta, 2022.

MARTELO, Rosa. Cartucho e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX. In: MARTELO, Rosa Maria. *A forma informe: leituras de poesia*. Porto: Assírio & Alvim, 2010, p. 155-178.

_____. *Devagar, a poesia*. Lisboa: Documenta, 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Libby Meintjes. São Paulo: N1 edições, 2018.

MEXIA, Pedro. *Contratempo: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2016.

PIMENTA, Tamy de Macedo. *Poesia e circunstância em Carlito Azevedo e Manuel de Freitas*. 2021. 216f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Trad. Mônica Costa Melo. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em: 08/01/2024.

Aceito em: 15/06/2024.